

UM CENÁRIO HISTÓRICO DA MÍDIA IMPRESSA NA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA: UM LUGAR DE CONSTRUÇÃO DO “MUDANCISMO” COM FERNANDO HENRIQUE CARDOSO NA FOLHA DE S. PAULO

ESCENARIO DE UNA HISTORIA DE LOS MEDIOS IMPRESOS EN LA REDEMOCRATIZACIÓN BRASILEÑA: CONSTRUCCIÓN DE EL CONCEPTO DE “MUDANCISMO” FERNANDO HENRIQUE CARDOSO EN LA FOLHA DE SÃO PAULO

MACEDO, Roberto Gondo¹
MELO, Wanderson Fábio de²

Resumo

Esta comunicação pretende discutir as posições de Fernando Henrique Cardoso expressas em sua coluna no jornal Folha de S. Paulo, durante o ano de 1984, especificamente o período em que segue a derrota da emenda pelas diretas no Congresso Nacional até a eleição de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, momento significativo da transição democrática brasileira. Descreve a importância dessa manifestação para a consolidação da redemocratização brasileira no início dos anos 80 e o desenvolvimento democrático ocorrido após esse período propiciando que a comunicação política se desenvolvesse de modo a tornar-se referência no modelo de planejamento de campanhas eleitorais proporcionais e majoritárias, bem como a construção de imagem pública e governamental, onde se destaca também o modelo estrutural eleitoral brasileiro e as técnicas de propaganda política para os atores públicos. Após três décadas de origem do movimento pelo direito do voto para a escolha presidencial, o cenário democrático se encontra consolidado e fortalecido, principalmente no que tange a respeitabilidade do direito de expressão e participação de representantes da sociedade civil no processo político nacional.

Palavras-chave: Comunicação Política, Fernando Henrique Cardoso, Folha de São Paulo.

Resumen

Esta comunicación analiza las posiciones de Fernando Henrique Cardoso expresó en su columna en el diario Folha de São Paulo, durante el año 1984, específicamente en el período que siguió a la derrota de la enmienda por el Congreso para dirigir la elección de Tancredo Neves en el Colegio Electoral, momento significativo de la transición democrática brasileña. Describe la importancia de este evento para la consolidación de la democratización de Brasil en los años 80 y el desarrollo democrático se produjeron después de este período siempre que la política de comunicación para el desarrollo con el fin de convertirse en un referente en el modelo de planifica-

ción de las campañas electorales proporcionales y mayoritarios, así como construcción de la imagen pública y el gobierno, que también destaca el modelo estructural y las técnicas brasileñas propaganda electoral a los actores públicos. Después de tres décadas de origen del movimiento por el derecho de voto para la elección presidencial, el escenario democrático se ha consolidado y fortalecido, especialmente en cuanto a la respetabilidad de la libertad de expresión y la participación de representantes de la sociedad civil en el proceso político nacional.

Palabras-clave: Comunicación Política, Fernando Henrique Cardoso, Folha de São Paulo

¹ Pós-doutorando em Comunicação Política pela ECA/USP, Doutor em Comunicação Social pela UMESP, Mestre em Administração e Regionalidade pela USCS. Docente dos cursos de Pós-Graduação na Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade Metodista de São Paulo. Preside a Sociedade Brasileira dos Pesquisadores e Profissionais de Comunicação e Marketing Político – POLITICOM. Email: r.gondomacedo@gmail.com

² Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC onde também é Mestre em História. Professor da Universidade Federal Fluminense – UFF. Email: wfabiomelo@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira foi envolvida por um processo social e democrático que corroborou para o enfraquecimento do regime militar, em desgaste midiático e popular desde o final da década de 70. Diversas categorias de atores sociais se mobilizaram para fomentar o desejo do retorno da democracia em todos os níveis de poder da federação.

No início de 1983, o jovem deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT) apresentou a Emenda Constitucional defendendo a eleição presidencial direta. A partir do mês de maio daquele ano as forças de oposição à ditadura militar passaram a expressar a necessidade de campanhas de mobilizações e, com isso, iniciou-se o movimento pelas “Eleições Diretas”.

A campanha pelo sufrágio universal possibilitou a união das oposições, uma vez que a questão não era saber qual grupo convocaria as manifestações, mas sim se em nome da democracia e contra a ditadura. Desse modo, tornou-se possível a adesão de diferentes forças políticas. Em outubro, o movimento ganhou o apoio dos governadores eleitos em 1982 pelo PMDB (Partido da Mobilização Democrática Brasileira), o partido da oposição legal.

O objetivo da campanha era a aprovação da “Emenda Dante de Oliveira” no Congresso Nacional. As mobilizações se espalham pelo Brasil, a ideia de votar para presidente ganhou força e apoio da sociedade civil.

Multidões tomaram as ruas das principais cidades em manifestações gigantescas. No entanto, a Ementa Constitucional não foi aprovada pelo Congresso. Contudo, a campanha desgastou as forças políticas que apoiavam o governo militar desde o golpe de estado em 1964 e, sobretudo, impôs uma nova configuração política.

Na visão de Fernando Henrique Cardoso, o movimento pelo direito ao voto resultou no desgaste das forças que apoiavam o “regime burocrático autoritário”, de modo a isolar socialmente os agentes políticos das forças no poder desde 1964. Concomitantemente, devido a campanha estar focada na aprovação de uma emenda constitucional, fortaleceu a oposição institucional que ocupava espaços nas estruturas políticas da Câmara, do Senado e em diversos executivos estaduais, sobretudo em São Paulo sob a direção de André Franco Montoro.

Em um viés histórico, analisar os artigos do senador Fernando Henrique Cardoso permite perceber o percurso político da oposição ulterior à Campanha pelas Diretas, sua interpretação do “mudancismo” e a singularidade da transição política brasileira. No momento da campanha pelas Diretas-já, Cardoso ocupava a presidência do PMDB paulista, publicava uma coluna semanal na Folha de S. Paulo e exercia o mandato de senador pelo Estado de São Paulo.

A despeito das mobilizações por todo o país, a emenda constitucional foi derrotada na Câmara dos Deputados, embora tenha conquistado a maioria, visto que foram 298 votos favoráveis, 65 contra, 3 abstenções e 113 deputados ausentes. Mas, faltaram 22 votos para atingir os 320 exigidos para alterar o texto constitucional. Os números de participação popular nas ruas brasileiras favoráveis ao projeto foram representativos.

Sobre as principais mobilizações pelas Eleições Diretas Já, considerando o público presente, tiveram-se: em 27/11/1983, em São Paulo – 15.000 pessoas; 12/01/1984: em Curitiba-PR – 30.000; 25/01/1984: São Paulo, SP – 250.000; 24/02/1984: Belo Horizonte,

MG – 300.000; 10/04/1984: Rio de Janeiro, RJ – 1000.000; 16/04/1984: São Paulo, SP – 1500.000; 26/06/1984: São Paulo, SP – 50.000, e 27/06/1984: Rio de Janeiro, RJ – 30.000. (RODRIGUES, 2003, p.105-107).

Contudo, após a derrota da emenda no Congresso Nacional, Cardoso defendeu a transformação do movimento “Diretas Já!” em “Mudança Já!”, ou seja, ele apregoou o fortalecimento político do grupo de oposição constituído a partir do Congresso e dos governos. Dessa forma, Cardoso atuou na articulação de uma candidatura de oposição para a disputa no Colégio Eleitoral.

Neste recorte de pesquisa, pretende-se analisar as ações de Cardoso a partir da perspectiva histórica, ou seja, seguindo o historiador Hobsbawm (1994, p.13) “o ofício do historiador é lembrar aquilo que os outros esquecem” e seu objetivo “é compreender por que as coisas deram no que deram e como elas se relacionam entre si”.

Cardoso foi um intelectual que militou na oposição à ditadura militar, elaborou uma obra teórica sobre aquele período, defendeu a campanha popular pelas Diretas já e, depois o entendimento político via Colégio Eleitoral, ao redor do nome de Tancredo Neves.

As indagações desta comunicação são: primeiro, como Cardoso relacionou a atuação como político de oposição e o trabalho de colunista na imprensa? Segundo, como o resultado da campanha das “Diretas Já!” e a disputa no Colégio Eleitoral influenciaram o tipo de transição política que o país vivenciou?

Cabe também descrever como esse período foi colaborativo para o desenvolvimento de uma nova visão da comunicação política, bem como a propaganda e imagem pública, pois com a redemocratização brasileira, a cada processo eleitoral, as agremiações partidárias, atores sociais e políticos desenvolviam novas formas de comunicação e difusão dos feitos políticos.

Essa evolução veio aliada a tecnologia, principalmente na implantação do modelo até hoje vigente de votação eletrônica, cujo modelo de dados e eficácia operacional serve de exemplo para outras nações do mundo. A cada dois anos delegações de diversas partes do planeta acompanham as eleições brasileiras para observar o modelo implantado de dados que origina da logística das urnas até a apuração dos votos.

As fontes utilizadas para esta reflexão foram os artigos de Cardoso que saíam semanalmente na grande imprensa, mais especificamente, na Folha de S. Paulo, no respectivo período histórico.

I FERNANDO HENRIQUE CARDOSO: A CONSTRUÇÃO DO “MUDANCISMO”

Em março de 1984 ocorreu a votação da Emenda Dante de Oliveira na Câmara Federal. As oposições verificavam a tensão. O general Figueiredo, após inúmeras declarações dúbias, apregoava a desaprovação das eleições diretas para o próximo presidente, contrariando a vontade popular. A campanha pelo voto ganhara as ruas das principais cidades do país.

Em um artigo na Folha de S. Paulo, Cardoso expressou a sua visão sobre aquele momento:

“continuo a fazer e a dizer que a imensa maioria dos brasileiros diz e só não fazem quando não podem: a trabalhar para que ocorra, de fato, um avanço democrático. Este avanço democrático se baseia na mobilização popular pelas diretas e requer a aprovação da Emenda Dante de Oliveira. No “day after” esperamos comemorar a vitória. Se não, há novas bandeiras e emendas a favor das diretas e há que estar afinado, principalmente, com a reação da opinião pública que indicar quais os caminhos para prosseguir na luta pela democratização.” (CARDOSO, 1984a: 2)

Nota-se que Cardoso divulgou a sua posição em favor do “avanço democrático” entendendo que se realizaria a partir da pressão popular. Contudo, é perceptível que a escrita do senador por São Paulo assumiu o debate tácito com uma outra posição no meio oposicionista, isto é, reiterar o seu compromisso com a campanha pelo direito ao voto e propõe a continuidade das mobilizações no caso da derrota da Emenda de Dante de Oliveira.

Posicionando-se assim, Fernando Henrique Cardoso respondia ao jornalista Ricardo Noblat, na época no Jornal do Brasil, que divulgara em um artigo a conformação da negociação política envolvendo setores governistas e oposicionista representados no Congresso, acerca da busca de alternativa política fora da continuidade das mobilizações, com a confirmação da derrota da emenda propondo “eleições diretas”.

Doravante a derrota da emenda, percebeu-se a fratura no bloco da oposição. Por um lado, os que propunham a elaboração de um novo texto apontando a eleições diretas, e, por outro, os defendiam aproveitar o desgaste político das forças “autoritárias” por meio de uma candidatura respaldada no Colégio Eleitoral.

Os grupos que apoiavam a primeira diretiva argumentavam a continuidade dos comitês pró-diretas, durante os meses de abril e maio, este grupo foi representado por Ulisses Guimarães, Lula, Quércia e Brizola. Contudo, os grupos que apontavam na direção do Colégio Eleitoral defendiam a possibilidade da vitória das forças de oposição mesmo interior de uma estrutura “autoritária”, ao mesmo tempo, revelavam o perigo da continuidade do regime. Esse grupo foi representado pelos governadores André Franco Montoro e Tancredo Neves, além do senador Fernando Henrique Cardoso e do deputado Fernando Lyra.

Em um discurso no senado, publicado na Folha, logo após a derrota das diretas, Cardoso proclamou: “O Congresso Nacional é o espaço de disputa. Existem duas forças, os mudancistas e os contra-mudança/.../. Os mudancistas querem as eleições/.../. Os contra-mudancistas estão isolados.” (CARDOSO 1984b, p.7)

O próprio Fernando Henrique Cardoso elegeu esse discurso com sendo o marco na mudança da campanha “Diretas-já!”, para “Mudança-já!”. Eis a instauração da proposta mudancista. Ou seja, a construção de uma candidatura no colégio Eleitoral como continuidade das lutas pelas “diretas”.

Defendendo a sua posição de participação no Colégio Eleitoral, Cardoso argumentou e um artigo:

“Quero deixar claro meu ponto de vista, sei, como todo mortal sei que existe um emenda no congresso e que esta se não aprovamos as diretas-já deixara as oposições na difícil contingência de votar o menos ruim: eleições indiretas agora e direta em 88 ou indiretas sempre como reza a Constituição atual.” (CARDOSO, 1984c, p.2)

O esforço de Cardoso na conscientização dos desafios em participar do processo eletivo. Assim, a posição mudança venceu no interior do PMDB e, por conseguinte, fortaleceu a posição dos políticos inseridos na institucionalidade, ao passo que enfraqueceu o grupo histórico liderado por Ulysses Guimarães. O senador por São Paulo focava as suas análises políticas no movimento da correlação de forças sociais, sobretudo as expressas na política institucional, pois

Mas tampouco cabe a política de Avestruz, fingindo que as forças reais não existem. Algumas delas – as negativas – puseram as mangas de fora. Maluf, Médici e Golbery formam o centro do arco reacionário. Tentarão bloquear qualquer mudança inconstitucional. [...] o governo por sua parte divide-se em dois setores: um mais aberto às mudanças, mas não se sabe até que ponto, capitaneado por Leitão de Abreu e Marchezan e outro enigmático, que inclui (e isto é preocupante) o presidente da República e ancora mais abertamente no General Medeiros e nos generais desconfiados da liberalização proposta por Leitão. Andreazza expressa o vazio político dos interesses burocráticos-empresariais dos beneficiários do regime, mas não tem gás para definir estratégias próprias. [...] entre o PDS e as oposições – já firmemente no solo do mudancismo – situam-se os parlamentares do grupo pró-diretas e o aurelianismo. Não terão, talvez força para definir rumo autônomo, mas são essenciais em qualquer rearticulação do tabuleiro. [...] qualquer saída do imobilismo, do ângulo das oposições, passa por duas pré-condições: mobilização popular para forçar mudanças (com o objetivo das diretas já como ponto de união) e a convergência de interesses de arco oposicionista. Neste sentido, a proposta Montoro da semana passada foi um passo adiante: candidato único e competitivo das oposições, eleições diretas (apesar das interpretações noutra direção feitas pelos que desejam complicar o panorama) e programa comum para dar substância as mudanças.” (CARDOSO, 1984d, p.2)

Na citação acima, é relevante apontar que Cardoso apontou os diferentes grupos com expressão social no período. O descarte de Maluf devia-se pelo fato de estar respaldado no bloco militar. Importante observar que Paulo Maluf, mesmo civil, naquele momento representava a continuidade do “regime militar”, daí o senador por São Paulo relacioná-lo aos militares impopulares no período. Emílio Garrastazu Médici, chefe no executivo no período violento do “regime”, e Golbery do Couto e Silva, tido como um dos teóricos do “autoritarismo” brasileiro.

No estudo das forças do governo, o autor verificou a fragmentação. Por um lado, o ex-chefe da casa civil do governo, Leitão de Abreu, e o presidente da Câmara dos Deputados, Nelson Marchezan, que formavam um grupo no interior do governo crítico a várias ações de João Batista Figueiredo, pois desejavam uma solução civil; mas, diferente de Maluf. Cardoso entendia esse grupo próximo do mudancismo, ou que aceitaria o resultado de uma disputa do processo de escolha para o poder executivo, pois argumentavam a liberalização do “regime”.

Por outro, o bloco linha-dura, isto é, os militares conservadores que recusavam a liberalização do sistema. Ao contrário, falavam mesmo em continuidade do general Figueiredo no executivo pelo uso da força. Esse grupo foi liderado pelo general Medeiros, presidente da Usina Binacional e Itaipu.

O bloco dos setores estatais se aproximava de Mário Andreazza, que tentava viabilizar o seu nome na disputa no colégio eleitoral como representante do governo. Tinha ao seu lado os representantes do capital estatal e alguns governadores.

Ainda nas forças governistas, o colunista da Folha explicitou os “mudancistas”. No momento da campanha

pelas diretas ocorreu o desligamento de vários políticos com a base de Figueiredo. Na Câmara e no Senado formaram grupos que aderiram a emenda Dante de Oliveira e foram chamados de “pró-Diretas”. Destacaram-se os senadores Marco Maciel e Jorge Bornhausen, além do vice-presidente da República Aureliano Chaves.

Eles formaram o núcleo dirigente dos “desgarrados do regime”, que depois se tornaria o segundo principal partido da Aliança Democrática. Por fim, o senador por São Paulo completa a sua proposição de mudancismo, seguindo o governador Franco Montoro, “um candidato competitivo”, o governador mineiro Tancredo Neves. Nesse sentido, Cardoso passou a articular com um novo grupo no interior do PMDB, deixando o bloco liderado por Ulysses Guimarães.

Fernando Henrique Cardoso em seu método de análise, verificada em sua coluna no jornal *Folha de S. Paulo*, professou o politicismo na identificação do determinante da correlação de forças sociais dos grupos e as composições sociopolíticas.

Assim, no processo de abertura política ulterior a derrota da emenda Dante de Oliveira, para Cardoso, “Impõe-se, portanto, dinamizar o campo das alianças entre os mudancistas”, desse modo, notamos o esforço do senador, por meio da imprensa, em construir a imagem política “mudancismo” versus “continuísmo”.

Ao analisar os desafios da democratização institucional, Cardoso considerou:

Agora, quando o jogo esta quase feito, deu frenesi nalguns pedessistas. Uns correm para pedir que o General Figueiredo, depois de frustrado em duas tentativas de unificar o PDS, reassuma as rédeas da sucessão. Outros ficam no “Maluf é imbatível” (desde que conte com compreensão presidencial para o uso da máquina e do erário...) Outros ainda, os mais lúcidos e os arrependidos, buscam aliar-se às oposições. [...] Por trás deste Zigue-zague estão a fragilidade das instituições políticas e a heterogeneidade da sociedade. Os liberais-conservadores do PDS não tiveram força para coibir os continuistas do regime. Os liberais-democratas das oposições somados aos democratas-populares dos vários partidos, tampouco conseguiram sozinhos, saltar o rubicão dos dois terços para mudar as regras do jogo. Só as alianças entre estes três setores parece ter forças para isolar o Continuísmo (com a Cara de Maluf ou Andrezza) e a realizar as mudanças a que o país aspira.” (CARDOSO 1984e: 2)

É perceptível que a análise de Cardoso identificou a crise no partido dirigente como condicionante da formação do bloco mudancista. Haja vista que, falhara a proposta de Jarbas Passarinho no sentido de unificar as forças governistas, inviabilizada até mesmo pela indecisão de Figueiredo. Falhara a proposição do deputado Flavio Márcilio em unificar o partido em torno de Maluf.

Ao passo que, o bloco do mudancismo realizou a composição de somatória de forças envolvendo: liberais conservadores anti-malufistas (José Sarney, Marco Maciel e Bornhausen), liberais-democratas e democratas populares situados no PMDB e nos partidos de oposição. Explicita-se, desse modo, a análise cardosiana de politicismo com alianças.

Realizada a eleição via Colégio Eleitoral, tem-se a confirmação da vitória da política de alianças. Tancredo Neves é eleito em 15 de janeiro de 1985, com a votação de 480, contra 180 de Paulo Maluf.

II COMUNICAÇÃO POLÍTICA NO CENÁRIO ATUAL

Esse fato representa um marco histórico na evolução da dinâmica política brasileira, pois com a vitória de Tancredo Neves, mesmo não conseguindo assumir definitivamente a presidência por ocasião de seu falecimento, o Brasil viveu e vive um ambiente de democracia e liberdade de imprensa e dos direitos políticos e civis.

O país nessas últimas duas décadas acompanhou a evolução dos meios midiáticos e da integração com o ambiente de campanha política eleitoral e pós-eleitoral, bem como a dinâmica eleitoral que evolui bialmente: seja no aspecto impresso, como no eletrônico.

Isso contribui de forma representativa para o surgimento de um novo modelo de comunicação política nacional, com profissionalismo, liberdade de expressão e organização nos pleitos eletivos, fomentando a excelência no desempenho das tarefas de construção e manutenção da imagem pública governamental.

Segundo Queiroz (2005), “sempre dentro do processo de aprendizado sobre a importância dos conceitos correlacionados com as atividades de propaganda política, é preciso distinguir ações distintas neste campo, que, emergem do conceito de marketing político e se espraiam por outros conceitos complementares e importantes, como os de propaganda ideológica, publicidade eleitoral e imagem pública”.

A luta pela liberdade de expressão política do movimento “Diretas” foi de fundamental importância para o surgimento de agremiações partidárias que se encontram fortalecidas até os dias atuais, como o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Ambos os partidos gerenciaram o poder federal nas últimas cinco eleições majoritárias, considerando o ano de término de mandato de Dilma Rousseff em 2014.

Tendo como predecessores Fernando Henrique Cardoso (PSDB – 1994-2002) e Luis Inácio Lula da Silva (PT – 2002-2010), agremiações essas que atualmente convivem em discursos antagônicos, porém muitos de seus idealizadores estiveram juntos pela mesma causa no movimento a favor da redemocratização brasileira.

a comunicação política vai além da comunicação governamental, comunicação eleitoral ou marketing político. por outro lado, a comunicação pública se articula com a comunicação política na esfera pública, como local de interação social de todos os agentes e interesses envolvidos. nesta esfera, transitam os recursos humanos (cidadãos, políticos e eleitores), físicos (suporte de comunicação massiva, tecnologias interativas e convergentes), econômicos (capital, ativos em geral), comunicacionais (discursos, debates, diálogos estruturados dentro e fora das mídias massivas e recursos interativos). (MATOS, 2006, p.84).

Um dos pilares que amparam as ações da comunicação política é o processo de persuasão, aplicável nos modelos de negociação, conquista e manutenção do poder, sendo usado nos mais diversos regimes políticos e momentos da história, não apenas no contexto democrático.

Todavia, no viés da democracia, com o passar do tempo o sistema tende a se tornar equilibrado e balanceado. Para Dahl (1993, p.329) “a política gera políticos que aprendem na democracia como lidar de forma polida

com seus oponentes, que lutam continuamente para construir e manter coalizões articuladas, que duvidam das possibilidades de grandes mudanças, que buscam compromissos”.

Para Habermas (1997, p.107) em sociedades complexas, a esfera pública forma uma estrutura intermediária que faz a mediação entre o sistema político, de um lado, e os setores privados do mundo da vida e, de outro, os sistemas de ação especializados em termos de funções.

Um dos pontos mais importantes da estruturação democrática e do fortalecimento da comunicação pública e política tem sido a capacidade do Estado de promover um ambiente de liberdade de expressão das classes e garantir lisura nos processos relacionados ao conceito de suficiência do sistema político, envolvendo todos os seus atores. Qualquer tipo de intervenção limitadora no processo midiático de um país fere direitos internacionais de liberdade e, conseqüentemente de compromissos democráticos.

A apropriação dos media pelos interesses particulares ocorreu (e continua ainda hoje) nas sociedades ocidentais sob a ação de dois pólos institucionais, o Mercado e o Estado, que, nesse âmbito, só aparentemente (ou de forma esporádica) têm divergido nas suas estratégias, objetivos e interesses. A influência do Estado sobre os media é parte de uma lógica intervencionista mais geral, nesse caso tendo como objetivo específico, o universo simbólico da sociedade, com vista a produzir a legitimação necessária ao reforço de autoridade do próprio Estado. (ESTEVES, 2003, p. 46).

O conceito participativo é fundamental no sentido de promoção de políticas públicas realmente integradas com o contexto da população, pois são elaboradas com a participação de múltiplos atores sociais, incluindo em alguns momentos o desenvolvimento de plebiscitos que permitam amplo ambiente de escolha da propositura em questão.

A democratização implica a liberalização, porém, este é um conceito mais amplo e, especificamente, político. A democratização requer a competição aberta pelo direito de conquistar o controle do governo, o que, por sua vez, exige eleições competitivas livres, e seu resultado determinará quem irá governar. Com base nessas definições, é obvio que pode haver liberalização sem democratização. (LINZ; STEPAN, 1999, p.22).

Com um andamento dinâmico, a comunicação política brasileira tende a se desenvolver cada vez mais no aspecto profissional e de forma gradativa continuará despontando como um modelo eficaz de estrutura democrática. Cabe aos atores políticos eleitos a cada pleito corroborarem para o crescimento de uma imagem positiva e sustentável da democracia brasileira, sem escândalos de corrupção e má administração pública.

Considerações finais

Diante do exposto, podemos afirmar que Cardoso atuou como colunista objetivando relacionar a sua imagem de intelectual e político no desvendamento das forças sociais envolvidas no processo político brasileiro do período de abertura.

A visão de Cardoso sobre o processo de redemocratização no Brasil foi a de que esta se desenvolveu a partir de conquista e concessão com negociações protagonizadas por executivos estaduais respaldados na mobilização popular, aproveitando, ainda, as divisões nas forças políticas que sustentaram o que nomeou de “regime autoritário”. Outrossim, Fernando Henrique Cardoso expressou em sua práxis o “politicismo” com alianças tendo como referência o campo institucional.

Sua contribuição foi relevante no campo do desenvolvimento democrático brasileiro, unidos a outros atores políticos de diversos setores da sociedade que unidos fomentaram a mudança de regime político e fixaram novos parâmetros democráticos nacionais.

O campo da política e da comunicação política foi gradativamente se fortalecendo com o passar dos anos, tornando a democracia brasileira em um processo consolidado no sentido de permitir a livre manifestação popular, expressão e liberdade de direitos, dentre eles, a escolha de seus representantes. O processo tecnológico dos últimos anos corroborou também para que a democracia no mundo, inclusive no Brasil se tornasse mais transparente, por intermédio das inúmeras interfaces de controle e *public accountability*.

Referências

- CARDOSO, F. H. "Fato e versão". In. Folha de S. Paulo, 29 de março de 1984a.
- _____. "Pronunciamento de Fernando Henrique Cardoso". In. Folha de S. Paulo, abril, 1984b.
- _____. "Impasse e mobilização". In. Folha de S. Paulo, 10 de maio de 1984c.
- _____. "A estratégia das oposições". In. Folha de S. Paulo, 17 de maio de 1984d.
- _____. "A transição necessária". In. Folha de S. Paulo, 19 de junho de 1984e.
- DAHL, Robert. Size and democracy. Stanford: Stanford University Press, 1993.
- ESTEVES, João Pissarra. Estado público e democracia: comunicação, processos de sentido e identidades sociais. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- HABERMAS, J. Direito e Democracia: entre factividade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- QUEIROZ, A. C. F. Marketing Político Brasileiro: Ensino, Pesquisa e Mídia. Piracicaba: ed. do coordenador, 2005.
- LINZ, Juan; STEPEN, Alfred. A transição e consolidação da democracia: a experiência do sul da europa e da américa do sul. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MATOS, H. G. de. Comunicação Política e Comunicação Pública. Revista *Organicom*. ECA/USP. São Paulo. Ano 3, n04, 2006.
- MELO, W. F. "Roberto Campos e Fernando Henrique Cardoso: visões sobre a campanha das Diretas já!" Anpuh Nacional, Unisinos. São Leopoldo RS: Oikos, 2007.
- RODRIGUES, A. T. Diretas já: o grito preso na garganta. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.